

## O CIRCO, A AVENTURA E SUAS ARTES: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MÃE DO RIO/PA

Jucimeire Rocha Macêdo<sup>1, x</sup>; Maria da Conceição da Silva Santana<sup>1</sup>; Wilma da Silva Gomes<sup>1</sup>; Chiara Sampaio<sup>1</sup>; Maria Jacione da Silva Freitas<sup>1</sup>; Euzébio de Oliveira<sup>2</sup>; (<sup>1</sup>Secretaria Municipal de Educação – SEMED, Mãe do Rio, Pará, Brasil; <sup>2</sup>Universidade Federal do Pará – PPGEAA, Castanhal, Pará, Brasil; <sup>x</sup>jucimeire.dlrocha@gmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho buscou articular as atividades de aventura com as práticas corporais circenses, na escola da rede municipal de Mãe do Rio/PA. O trabalho partiu do seguinte questionamento: será possível unir as práticas corporais circenses, com as práticas corporais de aventura dentro do contexto escolar? Tendo esta interrogação como ponto de partida foi estruturado o projeto “Circo, aventura e suas artes”, no qual buscou o desenvolvimento integral das crianças, compreendendo os aspectos afetivos, cognitivos, sociais, lúdicos e formativos no processo de ensino-aprendizagem dos discentes, sob a perspectiva pedagógica Crítico- emancipatória, cujo um dos expoentes no Brasil é o professor Elenor Kunz, da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto aconteceu durante as aulas de Educação Física, do período de agosto a dezembro de 2018, na Escola Municipal Heráclito Pinheiro, para 253 estudantes, de diferentes gêneros, idades e séries.

**Palavras-chave:** Circo. Atividades de Aventura. Ensino de Educação Física

### INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura, por meio da multiplicidade da arte circense, nos convidaram a embarcar em uma abordagem dinâmica. Com essa abordagem, vivemos no limite dos sentimentos e sentidos, em uma jornada cheia de encantos, conhecimentos, risos, equilíbrios, desequilíbrios, (re)equilíbrios, tinta, manipulação, confecção, imaginação, força, emoções, vertigem, incertezas e risco controlado.

As atividades circenses na escola permitiram que o discente saísse da redoma de contemplação como um mero espectador, para exercer o papel de protagonista. Isso se deu, na medida em que participou de experiências sensoriais e vivências complexas, explorando de diferentes formas o potente movimento do próprio corpo, criando conexões consigo, com o outro e com o conhecimento milenar circense, em uma emaranhada rede de possibilidades de criação e ressignificação. Dessa forma, o circo dotado de performance passou a coexistir com o circo educativo, em que o conhecimento antes, pertencente a um grupo restrito é democratizado e passou a ter uma abrangência voltada para a experiência de intervenção pedagógica, crítica e social na escola (BENTES, SERIQUE, 2017).

Diferente das práticas corporais circenses, desde 2017, as atividades de aventura foram incluídas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentro do componente curricular da Educação Física, estabelecido como um campo teórico, prático didático-pedagógico. As Práticas Corporais de Aventura (PCAs) estão divididas entre práticas urbanas e na natureza, especificadas como objetos de conhecimento para o ensino fundamental do 6º ano ao 9º ano. Em relação ao conceito de práticas corporais de aventura, não há um consenso entre os autores quanto a isso, pois temem simplificar ou delimitar a tradução de seus sentidos e significados, da mesma forma como ocorre com a terminologia “esportes na natureza”. Por esse motivo, adotamos os termos “atividades de aventura” ou “práticas corporais de aventura” (PIMENTEL, 2013; BRASIL, 2018).

De acordo com a BNCC (2018), tais atividades buscam explorar o movimento do próprio corpo, a fim de superar situações desafiantes e de imprevisibilidade provocadas pela natureza ou no meio urbano, criando uma sensação de vertigem, com o máximo controle dos riscos. Suas classificações dependem do meio em que ocorrem, podendo ser no meio terrestre, aquático ou aéreo. Alguns exemplos dessas práticas são: corrida de orientação (terrestre), Surfe (aquático), tirolesa (aéreo) (FRANCO, CAVASINI, DARIDO, 2014; BRASIL, 2018).

A inclusão das práticas corporais de aventura como componente curricular da Educação Física, reconheceu as grandes intencionalidades e potencialidades pedagógicas das atividades de aventura. Para além disso, Lucie Sauvé (2005) sistematizou esse conhecimento e denominou de Educação ao ar livre, uma ferramenta didático-pedagógica, que transcende a matéria institucionalizada e transporta o processo de ensino-aprendizagem para além dos muros da escola. A educação ao ar livre acredita que o processo educacional acontece de forma significativa a partir de uma experiência concreta, impulsionando a construção, reflexão e a prática de valores e princípios alicerçados em responsabilidade com o meio ambiente, comprometimento pessoal, coragem, responsabilidade consigo e com o grupo, superação de obstáculos, disciplina e respeito (KUNREUTHER, FERRAZ, 2012).

Os valores e princípios impulsionados com a educação ao ar livre convergem com os preceitos que queremos fomentar, enquanto educadoras da escola pública e gratuita de qualidade, pois acreditamos na concepção de educação integral, interdisciplinar, lúdica, emancipatória que contribui na construção do sujeito crítico, reflexivo, autônomo e consciente, por meio do campo das vivências e experiências significativas. Mas, como abordar as práticas corporais de aventura para as crianças de forma lúdica? A partir dessa perspectiva surgiu o seguinte questionamento: será possível unir as práticas corporais circenses, com as práticas corporais de aventura dentro do contexto escolar?

Seguindo essa premissa, partimos para a construção do projeto intitulado “Circo, aventura e suas artes”. Notem que a palavra “artes” possui dupla compreensão: ora faz referência a contemplação da arte circense e ora faz alusão a icônica frase “menina (o), tu já tá fazendo arte?”. Assim, remetemos ao sentido de alguma atividade com risco controlado, ao qual a criança se predispõe a superar, mas que é diversas vezes cerceada pelo medo do adulto.

Nesse sentido, o projeto passa a ser um campo prático didático-pedagógico que legitima a arte de subir e descer de uma árvore de forma consciente e segura. Além disso, incentiva que o movimento seja explorado e que a força necessária para superar um obstáculo seja evocada, fazendo com que o discente acredite nele e na sua capacidade de superação. As práticas corporais circenses e de aventura passam a ser um constructo de um conhecimento subjetivo, levando em consideração os aspectos afetivos, cognitivos, sociais, lúdicos e formativos no processo de ensino-aprendizagem dos discentes, sob a perspectiva Pedagógica Crítico- Emancipatória.

O lócus de desenvolvimento do projeto foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Heráclito Pinheiro, localizada no bairro Castanheira, zona urbana de Mãe do Rio/PA. O município de Mãe do Rio, localizado a Leste do Pará, na mesorregião do Nordeste Paraense, na microrregião do Guamá, às margens da rodovia federal BR 010, mais conhecida como Belém- Brasília, no quilômetro 48. Segundo dados do IBGE (2022) o município possui uma população estimada em 34.353 habitantes, o que corresponde a uma densidade populacional de 73,19 hab/km<sup>2</sup> e seu território ocupa uma área de 469, 341 km<sup>2</sup>.

É importante ressaltar que a escola Heráclito Pinheiro está situada em um bairro periférico, com altos índices de violência, desemprego e não dispõe de serviços essenciais como saneamento básico, asfalto, posto de saúde, água potável com distribuição pública e com poucos espaços públicos de lazer. O conjunto desses fatores evidencia a vulnerabilidade socioeconômica a qual está inserida o alunado. Grande parte dos alunos e alunas são assistidos por programas do governo e dependem diretamente do bolsa família, às vezes como

a principal fonte de renda. Inseridas nesse contexto social, as ações da escola ultrapassam o sentido educativo e também exercem o sentido de tutela, pois a instituição tem como base a concepção de acolhimento e zela pela vida e o bem estar de seus alunos e de suas famílias (BRASIL, 2023).

O projeto foi desenvolvido para 253 estudantes sem distinção de gênero, com idades entre 04 (quatro) a 17 (dezesete) anos, matriculados regularmente nas turmas do Pré I, Pré II, 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano, oriundos do bairro Castanheira e das comunidades ao entorno como Tubilândia e Sales Costa. O objetivo geral foi de construir um espaço seguro, lúdico e formativo, para a experimentação e vivências significativas das práticas corporais de aventura e circenses, dentro das possibilidades e limites dos discentes, que favoreçam a socialização, a criatividade, o trabalho coletivo, solidariedade e a valorização das subjetividades dos participantes, por meio da educação interdisciplinar e integral, sob a perspectiva Pedagógica Crítico- Emancipatória. Cinco objetivos específicos nortearam este projeto. Primeiro, estimular o potencial educativo, no âmbito social, afetivo, motor e cognitivo. Segundo, proporcionar vivências e experiências significativas por meio das práticas corporais de aventura e circense no processo de ensino – aprendizagem da escola de maneira lúdica, subjetiva, criativa e ressignificava. Terceiro, instigar a expressão artística, comunicativa e expressiva. Quarto, ampliar o repertório motor e por fim incentivar a prática da educação solidária.

## METODOLOGIA

Este artigo descreve a experiência desenvolvida nas aulas de Educação Física por meio do projeto intitulado “Circo, aventura e suas artes”, valorizando os educandos enquanto sujeitos. Sendo assim, o processo de construção, desenvolvimento e finalização do projeto contou com participação dos discentes em todas as etapas. Começando com aceitação quanto ao desenvolvimento e participação no projeto. Depois, a escolha dos objetos de conhecimento, seguida da construção dos objetos de manipulação. A próxima etapa foi a aprendizagem, domínio e estabilização das técnicas de execução dos objetos de conhecimento escolhido e também o comprometimento e respeito com os colegas com maior grau de dificuldades. Finalizamos por meio de uma apresentação dos objetos de conhecimento dentro das possibilidades e limites dos discentes.

O projeto foi aceito pelos estudantes e posteriormente foi avaliado e aprovado pela coordenação pedagógica da instituição de ensino e pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Mãe do Rio. O trabalho seguiu as normas éticas envolvendo pesquisa com seres humanos. As aulas envolviam momentos de apreciação de imagens e vídeos, discussões sobre os temas, oficinas, confecção de objetos, utilização de jogos como estratégia didático-pedagógica. Os encontros ocorreram conforme horário das aulas de Educação Física para 253 estudantes, nos dias de quinta-feira e sexta-feira com duração de 1h20min para as turmas do Pré I, Pré II, 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano. A idade dos discentes variou entre 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos de idade.

Como o processo de ensino-aprendizagem “deve seguir uma progressão lógica e suficientemente flexível para que os praticantes possam adquirir os conhecimentos de forma segura e constante” (BORTOLETO, 2004, p. 102), cada uma das aulas foi dividida em cinco momentos, descritos a seguir. I) No primeiro momento, em uma roda inicial foi necessário identificar o conhecimento prévio dos discentes sobre a o objeto de conhecimento apresentado. II) Apresentação do objeto de conhecimento a ser abordado na aula, o contexto histórico por meio de vídeos, os princípios fundamentais e/ ou movimento em seu manuseio por meio de vídeos, imagens e/ ou demonstração. III) Demonstração e/ ou comando de algumas manipulações e/ ou movimentos por meio de jogos inicialmente. IV) No quarto momento, os educandos tentam praticar as atividades com menor grau de dificuldade até as

atividades mais desafiadoras, conforme a divisão de grupos (um para realizar a atividade e o outro para ajudar os colegas). V) Roda de conversa final.

As atividades foram realizadas por meio do processo de ensino-aprendizagem, respeitando a individualidade e o tempo de cada educando. Demonstrou-se os movimentos básicos pela educadora e os educandos, tentam executar o movimento em seguida. Após a assimilação desta, foi acrescentado outras sucessivamente, com um grau maior de dificuldades. Nesse processo, os discentes estavam livres para explorar os movimentos e as habilidades que foram previamente planejadas, criando e (co)criando a fim de produzir conjuntamente movimentos mutuamente valorizados. Os estudantes foram incentivados a explorar os movimentos, dentro das possibilidades e limites de cada um, de cada elemento circense e de aventura com segurança. No decorrer das aulas, os estudantes mais habilidosos são incentivados a auxiliar os colegas que apresentam maiores dificuldades (TAKAMORI, 2010).

O projeto foi organizado em um total de 36 encontros, sendo subdivido em 8 encontros no mês de agosto, 6 encontros no mês de setembro, 6 encontros no mês de outubro, 9 encontros em novembro, 6 encontros em dezembro. As aulas foram organizadas e sistematizadas seguindo a classificação proposta por Duprat e Bortoleto (2007), que classificaram as modalidades circenses de acordo com as ações motoras gerais, tais como: acrobacias (aéreas, solo e com trampolim), manipulação (de objetos), equilíbrio (de objetos, sobre objetos, acrobáticos), encenação (artes corporais e palhaços).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Elenor Kunz (2004), a concepção Crítico-Emancipatória é uma possibilidade de ensino dos esportes realizada por meio das categorias: trabalho, interação e linguagem com o objetivo de desenvolver três competências, respectivamente: objetiva, social e comunicativa. A competência objetiva está relacionada às destrezas técnicas de forma individual e coletiva. A competência social está atrelada a problematizar as relações socioculturais do contexto que se vive, discriminação de cor, sexo e também sobre formas de ações solidárias e cooperativas, por meio da reflexão. E por fim, a competência comunicativa está comprometida com a verbalização de experiências e entendimentos do mundo do esporte de forma reflexiva e crítica, avaliando as estratégias positivas e negativas e formas de superar as experiências negativas.

Dessa forma, utilizaremos o trabalho, interação e linguagem como formas de categorização nesse processo do escopo. As atividades realizadas durante o projeto foram: tecido acrobático, poses acrobáticas, manipulação com bolinhas, equilíbrio da vassoura, perna de pau, tambor, prancha de equilíbrio também conhecido como rola rola, pé de lata, slackline, pintura, mímicas, jogos e confecção de objetos. Utilizando a classificação de Duprat e Bortoleto (2007), temos o seguinte quadro:

Quadro 1: Classificação das modalidades circenses de acordo com as ações motoras gerais que foram desenvolvidas no projeto.

Categorias		
Acrobacias	Aéreas	Tecido acrobático
	Solo	Poses acrobáticas
Manipulação	Objetos	Bolinha
		<i>Swing poi</i> (balangandã)
Equilíbrio	De objetos	Cabo de vassoura
	Sobre objetos	Perna de pau, tambor, prancha de equilíbrio (rola rola)

		rola), pé de lata, slackline
	Acrobático	Não
Encenação	Artes Corporais	Pintura
	Palhaços	Mímica
Confecção	Objetos	Balangandão, bolinha, pé de lata

Adaptado de Duprat e Bortoleto (2007).

### Acrobacias Aéreas

A atividade desenvolvida foi a escalada, por meio do tecido acrobático, classificado como acrobacias aéreas. De acordo com Franco (2010), as práticas corporais de aventura podem ser vivenciadas no âmbito escolar, mesmo que de maneira adaptada, ainda assim, serão experiências emocionalmente significativas para os discentes. Para a educação infantil, a atividade foi iniciada com o jogo “suba na árvore”, em que os discentes deveriam subir em uma pequena árvore e depois saltar. O objetivo foi desenvolver técnicas para um trabalho de pés, pernas e pegadas de mão, para que a atividade pudesse ser realizada com segurança.

Posteriormente, as crianças foram conduzidas ao tecido acrobático, aprenderam as chaves de mão e pés e se sentiram confortáveis para explorar o aparelho de inúmeras formas. E assim, percebemos que atividade passou a ser “um lugar de construção e reconstrução de saberes e práticas, e de constituição de singularidades, escapando dos enquadramentos tradicionais, mantendo o componente educativo, oferecendo a oportunidade para novas descobertas” (SOARES, p. 64, 2002). É importante ressaltar que os nomes dados para os movimentos foram escolhidos pelos próprios discentes. Outro detalhe importante é que a maioria dos movimentos foram criados pelos discentes ao explorarem o elemento.

### Poses acrobáticas

As poses acrobáticas poderiam ser realizadas em dupla, trio, quarteto ou quinteto, também chamada de pirâmide. Os movimentos foram realizados na área externa e em sala de aula, com o auxílio do tatame. De acordo com Duprat (2007, p. 67)

[...] com a natureza do trabalho em grupo, a acrobacia ensina os indivíduos a cooperarem uns com os outros. Confiar em seu parceiro é um imperativo e esta atitude conduz a uma avaliação das necessidades do outro. Quando os parceiros trabalham juntos durante algum tempo, eles passam a atuar efetivamente como uma equipe.

Segundo Callois (1988), as práticas corporais de aventura podem ser consideradas “jogos vertiginosos”. Tais jogos proporcionam a vivência, mesmo que temporariamente, da alteração da estabilidade e do equilíbrio corporal, por meio das sensações de medo e susto. Essas características podem ser correlacionadas com as atividades de aventura. As poses acrobáticas foram atividades importantes para amenização de conflitos entre discentes do 5º ano. Na turma em questão havia a segmentação dos discentes em grupos por afinidade e criava-se certa rivalidade. Outro problema era a distorção idade-série entre os estudantes.

Os conflitos presentes na turma nem sempre eram provenientes do cotidiano escolar, por vezes estava relacionado ao convívio em comunidade e era trazido para a escola. No entanto, essas situações foram brevemente superadas, visto que os discentes apresentaram interesse pela atividade. Com isso, os estudantes perceberam a necessidade do outro, tiveram que confiar em seus colegas e um pequeno espírito de equipe começou ser apontado na turma. Sobre esse aspecto Oliveira *et al.* (2021, p. 09) diz que “o fazer circense é coletivo e



coletivizado, sendo necessário, então, o envolvimento, a participação, a colaboração e criação de uma força coletiva de sustentação”. E assim, percebemos que as atividades circenses possuem características para além do domínio motor, ela acontece na prática, por meio da coletividade, da superação de conflitos, mesmo que de forma momentânea.

### Manipulação

As atividades de manipulação foram realizadas com dois materiais: bolinha e balangandã. Os dois foram confeccionados pelos próprios discentes, sendo que os materiais utilizados para a confecção do primeiro foram arroz e balão e para o segundo, basicamente papel crepom, cola e barbante. Comungamos com a ideia de Duprat e Bortoleto (2007) quando dizem que as atividades de manipulação não exigem materiais específicos e podem ser adaptados com materiais de baixo custo e dessa maneira tornam-se mais fácil de serem vivenciados na escola.

Durante as atividades circenses e de aventura, foi perceptível o grande interesse pelos alunos, pois eles participaram ativamente de todo o processo. Contabilizamos poucas faltas e isso aconteceu provavelmente porque criou-se “uma grande expectativa, diminuindo a evasão e a baixa frequência ocasionada pela falta de interesse nas atividades” (TAKAMORI, 2010, p. 04). Outro ponto que deve ser ressaltado foi a melhora dos discentes no que se refere a atenção, concentração, foco, agilidade, tempo de reação, principalmente na manipulação das bolinhas. Isso foi percebido, pois os discentes conseguiram manipular duas ou mais bolinhas ao mesmo tempo.

### Equilíbrio

As atividades de equilíbrio foram divididas em: de objetos e sobre objetos. Em relação a primeira proposta, tivemos como experiência o cabo de vassoura, em que os discentes tiveram que equilibrar o objeto na mão e completar um circuito com obstáculos envolvendo subida, descida e mudança de direção. As atividades envolvendo equilíbrios sobre objetos foram: perna de pau, tambor, prancha de equilíbrio ou rola-rola, pé de lata e slackline. Durante as atividades do projeto os discentes foram divididos em dois grupos: um grupo para realizar a atividade e o outro para ajudar os colegas e depois de um determinado tempo trocavam de lugar. No que concerne a essa prática metodológica, ela pode ser encontrada no escopo de Takamori (2010, p.07), em que a autora chama de “grupo de execução e grupo de ajuda. No decorrer da aula, os grupos trocavam de posto: o de ajuda passa à execução e vice versa”.

Alguns discentes não tiveram dificuldades em realizar as atividades, principalmente os alunos do 5º ano, e preferiam não ter a ajuda dos colegas, sendo bastante autônomos. No entanto, não foi a realidade da maioria e os discentes recorriam ao auxílio dos colegas, da parede ou outra forma de apoio para realizar a atividade até chegarem a autonomia, tanto quanto possível. E dessa forma ficou bastante evidente o quanto os discentes encontram ao vivenciar as atividades um espírito de equipe, ação solidária, trabalho coletivo, cooperação, aceitação, respeito, prazer, superação, inclusão, solidariedade, aproximação de colegas com pouca afinidade, e além disso houve a ampliação do repertório motor, tendo em vista as diferentes situações em que os alunos foram desafiados a se superar e serem autônomos (DUPRAT, BORBOTOLETO, 2007; TAKAMORI, 2010, OLIVEIRA *et. al.*, 2021).

### Encenação

As mímicas começaram primeiramente com as atividades de pintura corporal, em que os discentes, de forma livre, poderiam pintar o rosto do colega e posteriormente, o colega

pintaria o seu. Encerrada a parte inicial ocorreu a mímica e os discentes imitaram animais, trapezistas, mágicos, palhaços, carro maluco, malabarista entre outros elementos que compõem a tessitura circense. E assim foi percebido o quanto os discentes são expressivos, criativos, comunicativos e cênicos, por meio do corpo, em que os movimentos foram traduzidos e compreendidos por meio da linguagem corporal.

### Avaliação

A avaliação foi contínua e processual, por meio das rodas de conversa em sala, com função diagnóstica, formativa e somativa, levando em consideração o conhecimento prévio dos estudantes. As formas de avaliação foram a somatória entre a participação dos discentes nas atividades, comportamento e apresentação na mostra “Respeitável Público” que foi realizada na culminância do projeto. Todas as avaliações (subjetivas, objetivas e práticas) foram sempre relacionadas as possibilidades e limites dos discentes ao realizar ou não as atividades, levando em consideração os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, pois o foco foi direcionado a experimentação e vivência do discente.

### CONCLUSÃO

As práticas corporais circenses entrelaçadas com as atividades de aventura na escola passam a ser um campo prático didático-pedagógico que legitima de forma consciente e segura o movimento para superar obstáculos, fazendo com que o discente acredite nele, na sua capacidade de superação e acredite também no trabalho coletivo de forma lúdica, criativa e solidária. O projeto proporcionou uma nova possibilidade e um vasto campo de experiências e vivências significativas que romperam com o formato tradicional das aulas de Educação Física, voltadas para a supremacia das atividades esportivas escolares. Portanto, ao fazer o relato dessa experiência, esperamos contribuir com outros professores ou profissionais que desejem inserir atividades circenses e atividades de aventura nas aulas de Educação Física e/ou em seu campo de atuação.

### REFERÊNCIAS

BENTES, L.; SERIQUE, N., P. **Por um Currículo Dialógico na Escola Básica: A Experiência Interdisciplinar do Circo Lona Verde na Escola de Aplicação da UFPA**. Cadernos de Ensino: Currículo e Avaliação, 2017.

BORTOLETO, M. A. C. Rolabola: iniciação. **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal. v. 4, n. 45, p. 100109, jan./dez., 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

\_\_\_\_\_. **Projeto Político Pedagógico da escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Heráclito Pinheiro**. Secretária Municipal de Educação- SEMED, Mãe do Rio, 2023.

CALLOIS, R. **Philosophic Inquiry in Sport**. Champaign/ Illinois: Human Kinetics Publisher, 1988.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 28, p.171189, jan. 2007.

FRANCO, L. C. P. A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. **Anais.5º CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura**. São Paulo: Editora Lexia, 2010.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento** Maringá: Eduem, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

KUNREUTHER, F. T.; FERRAZ, O. L. Educação ao ar livre pela aventura: o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 2, p. 437-454, 2012.

Kunz E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí; 1994.

OLIVEIRA, F. *et. al.* Circo nas aulas de Educação Física: para além do domínio motor. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 01-22, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/83701/48428>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PIMENTEL, G. Esportes na Natureza e Atividades de Aventura: uma terminologia aporética. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbce/a/w4WmkyJMtPrGCYCbmhSkcyP/?lang=pt>>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SOARES, C. **Imagens da educação no corpo**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**, p. 17-44, 2005.

TAKAMORI, F. S. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2010. DOI: 10.5216/rpp.v13i1.6729.